Entrevista com a Professora Doutora Tatiana Vargas Maia sobre Nacionalismos no Século XXI

1. Como você conceitua nacionalismo? Quais são as principais tendências desse fenômeno atualmente?

O conceito de nacionalismo apresenta um desafio para cientistas sociais, podendo ser compreendido como um *conceito essencialmente contestado*. A ideia de *conceitos essencialmente contestados* sublinha a existência de uma ampla gama de significados que são comumente atribuídos a alguns conceitos-chave, como, por exemplo, os conceitos de democracia, justiça, populismo e, no nosso caso, o conceito de nacionalismo. Uma sondagem rápida das discussões sobre esse tema evidencia a polissemia inerente ao conceito de nacionalismo − ele é comumente definido como um sentimento, como uma atitude, como uma crença, um movimento… Essa variedade de significados reflete não apenas a importância do tema, seja na arena política ou no espaço acadêmico, como também seu caráter interdisciplinar: a investigação acerca de nacionalismos transversaliza uma série de disciplinas, como a História, a Ciência Política, a Antropologia, a Sociologia, a Psicologia Política e Social, e as Relações Internacionais, é claro. Todavia, essa polissemia também pode representar uma armadilha para pesquisadoras (sobretudo aquelas que estão se aproximando do tema): ela pode gerar uma imprecisão nos debates e minar o avanço da pesquisa sobre o assunto.

A definição de nacionalismo que eu adoto, e que me parece ser útil não apenas para os campos pelos quais eu transito − Relações Internacionais, Ciência

Política e História –, mas que ao meu ver consegue também mediar a dialogar com abordagens de outros campos, entende o nacionalismo como a ideologia que prescreve a necessária coincidência entre as unidades políticas e as unidades nacionais, ou seja, que cada Nação deve ter o seu próprio Estado. Adicionalmente, essa ideologia possui três objetivos distintos e igualmente importantes: a unidade, a identidade e a autonomia da Nação. Soberania popular (entendendo povo aqui como o conjunto de indivíduos que pertence à uma nação específica) e autodeterminação são os valores centrais dessa ideologia.

Essa compreensão de nacionalismo me parece útil porque ela nos auxilia a compreender a estrutura e a organização fundamental do sistema internacional contemporâneo – a ideia de Estados nacionais que, em si, traduz e realiza o objetivo principal da ideologia nacionalista. Ao afirmar que a nação deve ser una, idêntica e autônoma, o nacionalismo sublinha que a nação é a base natural e ideal para a organização política, que ela deve se governar de maneira livre de interferências externas (autodeterminação), e que ela configura a única fonte legítima de poder político (soberania popular). Essas premissas são, em grande medida, aceitas e universalizadas na nossa compreensão do sistema internacional contemporâneo.

2. Até que ponto pode-se entender o nacionalismo como um fenômeno espontâneo? Como ele pode ser manipulado e utilizado como instrumento político?

Uma discussão central no campo de investigação acerca de nações e nacionalismos versa sobre a origem das nações e a emergência e consolidação da ideologia nacionalista. De maneira geral, identificamos duas grandes linhas de argumentação aqui: os primordialistas/perenialistas e os modernistas. Os primordialistas afirmam que as nações são um fenômeno antigo e natural. Ainda que a denominação de comunidades de identidade como nação seja um evento contemporâneo, os grupos nacionais atuais refletem comunidades étnicas, linguísticas e de parentesco que extrapolam a história contemporânea, e que representam laços mais antigos, primordiais, e perenes da nossa atual organização política e social. O nacionalismo, nesse sentido, pode ser compreendido como tendo um certo grau de espontaneidade, porque representaria a expressão natural dessa comunidade originária, e os sentimentos de pertencimento que indivíduos desenvolvem com tais grupos.

Modernistas, por sua vez, compreendem a nação e o nacionalismo como fenômenos radicalmente contemporâneos (ou seja, que se situam no pós-Revolução Francesa), e afirmam que sua existência depende das estruturas sociais e econômicas da contemporaneidade. Nesse sentido, as comunidades nacionais são construções sociais (as famosas "comunidades imaginadas" de Benedict Anderson), cujo propósito é imbuir de sentido a ação coletiva de sociedades que romperam com ordens sociais tradicionais. Aqui, o nacionalismo ocupa o vazio ideológico deixado pelo rompimento com modelos antigos de organização social, política e econômica, e cumpre uma função essencial: o de homogeneizar expectativas culturais e papéis sociais, viabilizando o funcionamento de uma economia complexa e de larga escala, bem como solidificando noções de lealdade e dever que fundamentam a existência e a manutenção de Forças Armadas permanentes e profissionais. Para modernistas, não há nada de espontâneo no nacionalismo − ele é uma ideologia moldada e controlada por elites em um exercício permanente de construção nacional (*nation--building*). Nessa abordagem, o nacionalismo não apenas é uma ideologia altamente maleável, como também é uma ferramenta política de mobilização e coordenação social muito poderosa. Ao postular o nacionalismo como uma ideologia que é utilizada sobretudo para gerar coesão social, a perspectiva modernista nos ajuda a compreender, por exemplo, a insurgência e o fortalecimento de nacionalismos em momentos de incerteza e insegurança (como o Entreguerras, o pós-Guerra Fria, e o momento posterior à crise de 2008).

3. Numa conjuntura em que a política mundial preconiza o bilateralismo, como podem ser vistos os nacionalismos? Se antes o mundo multilateral previa um horizonte de projeção com promessas de desenvolvimento e paz, quais são as possíveis perspectivas de futuro no cenário atual?

Uma das dimensões que o nacionalismo pode assumir ou manifestar é o que chamamos de um *nacionalismo econômico*, ou seja, uma ideologia que privilegia a intervenção estatal na economia (em detrimento de outros mecanismos de mercado), e que se opõe à globalização, traduzida em políticas de livre-comércio. Nos termos da Economia Política Internacional, o nacionalismo econômico se alinha à escola Realista/Mercantilista, favorecendo uma orientação protecionista à administração da economia nacional.

Nesse sentido, já podemos observar, pelo menos desde 2016, com a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos da América, e o BREXIT no Reino Unido, um enfraquecimento de dinâmicas de multilateralismo. Isso acontece porque nacionalistas econômicos preferem engajar em negociações bilaterais ao invés de participarem de arranjos multilaterais – o bilateralismo confere uma percepção aguçada de controle sobre os fluxos econômicos que impactam o Estado.

As consequências dessas mudanças só poderão ser medidas no médio e longo prazo, mas se tomarmos a história contemporânea como parâmetro, a década de 1930 nos apresenta um aviso sombrio: naquele período, uma parte significativa dos líderes nacionais, reagindo à crise de 1929, adotaram visões nacionalistas e protecionistas para a economia de seus Estados. Não é coincidência que o sistema econômico internacional do pós-Segunda Guerra Mundial é marcado por um avanço de propostas multilaterais de livre-comércio – o que ficou conhecido como o Sistema Bretton Woods–, com a esperança de que uma maior interdependência entre os Estados promovesse uma crescente estabilidade das relações internacionais.

4. Nacionalismos significam necessariamente uma contraposição a uma dimensão de globalização? O fato de a Crise de 2008 ter tomado uma escala global, rompendo com o sistema antes preconizado pelo sistema internacional de diretrizes neoliberais, pode ser tomado como um dos fatores causais da reascensão dos nacionalismos? Quais outras causas podem ser vistas a partir do nível sistêmico?

Eu tenho uma resistência em falar de uma reascenção ou de um ressurgimento de nacionalismos (que é a narrativa predominante sobre o nosso momento atual) porque eu não acredito que em qualquer momento da história contemporânea os nacionalismos tenham perecido ou desaparecido. Nós nos acostumamos a pensar que o final da Segunda Guerra Mundial significou o sepultamento das ideologias nacionalistas, mas essa perspectiva me parece, além de excessivamente otimista, equivocada. Como pensar a Guerra Fria sem compreender o nacionalismo estadunidense? Ou os nacionalismos anticoloniais dos países africanos e asiáticos. O nacionalismo permaneceu bastante vivo e ativo na segunda metade do século XX, mas ele troca sua roupagem – deixa de ser visto como uma força necessariamente

agressiva e ameaçadora (o caso das décadas de 1930 e 1940), e volta a portar sua imagem de uma ideologia libertadora, de emancipação popular.

O que acontece atualmente é que voltamos para um momento de grande instabilidade internacional – e eu acredito sim que podemos identificar o gatilho dessa fragilidade no somatório das consequências políticas e econômicas de 2001 e 2008 –, e esses momentos são cruciais para a mobilização nacionalista. Aqui, o nacionalismo oferece uma resposta simples e clara para as crises que temos enfrentado: o problema é o terrorismo internacional que age de maneira quase invisível e se articula em uma rede transnacional de agentes paramilitares? Então a resposta é o fechamento de fronteiras e o expurgo de não-nacionais, que não apenas não compõem a comunidade nacional, mas também apresentam uma ameaça a ela. O problema é uma crise econômica que se espalha e se potencializa devido à abertura econômica concretizada desde a década de 1990? Então devemos nos retirar dessas dinâmicas, isolando e protegendo a economia nacional. Nenhuma dessas respostas é necessariamente verdadeira, ou sequer oferece uma resolução para os problemas que elas apontam, mas elas são explicações simples para problemas extremamente complexos, e justamente por isso ganham aderência nas sociedades que estão vivenciando esses percalços e conseguem mobilizar essas populações.

Aqui, é importante notar que o conteúdo dos nacionalismos é sempre contextual – ele reage especificamente aos problemas e questões do momento específico no qual ele está agindo, orientado sempre pela sua estrutura básica expressa na tríade unidade-identidade-autonomia. Desde 2016, o que temos enfrentado, nitidamente, é uma articulação anti-globalização, que identifica na livre circulação de bens, serviços, capital e pessoas a causa primeira dos problemas enfrentados domesticamente, sejam eles desemprego, inflação, segurança pública, ou terrorismo

5. Partindo de uma análise weberiana, como a vinculação de nacionalismos com líderes carismáticos, atualmente, pode representar uma limitação ao Estado de Direito?

Acredito que a melhor forma de descrever nosso momento atual é compreender líderes como Donald Trump, Jair Bolsonaro, Viktor Órban, Narendra Modi, Recep Tayyip Erdoğan e Rodrigo Duterte não apenas como líderes carismáticos que esposam uma ideologia nacionalista, mas também como líderes populistas. A

forma que eu acredito ser mais interessante de pensar o final da década de 2010 é entendê-lo como um momento de fortalecimento global de um populismo nacionalista.

Essa é uma combinação bastante eficiente e explosiva em termos políticos – enquanto a ideologia populista se articula como anti-elitista, mobilizando politicamente "o povo" de maneira emocional, o nacionalismo fornece, em alguma medida, o conteúdo para essas afirmações, definindo e identificando contextualmente quem é "o povo", e quem são as elites que ameaçam a nação. Todavia, ainda que essa pareça ser uma afirmação inicialmente paradoxal, populismos nacionalistas são também antidemocráticos. Ainda que retoricamente eles afirmem buscar a retomada da soberania popular, ou seja, retirar o poder político e econômico das mãos de uma elite corrupta que prejudica o povo/a nação, esse movimento via de regra é realizado pela eleição de um líder (carismático) que esposa valores pouco pluralistas e democráticos, que comumente rejeita as regras do jogo democrático (a noção, por exemplo, que eleições podem ser perdidas sem necessariamente serem fraudadas), que nega a legitimidade de seus oponentes políticos (as elites não representam "o povo", e dessa forma, não podem exercer a soberania popular de forma legítima), que tolera ou encoraja a violência como um instrumento político, e que demonstra uma grande disposição em restringir liberdades civis.

Uma vez que esses líderes com essas características são eleitos e empossados, eles encontram-se em uma posição privilegiada para agir contra instituições democráticas. É por isso que Emilio Gentile caracteriza o nosso cenário contemporâneo como um de "democracias que se suicidam" – populismos nacionalistas são ideologias extremamente eficazes para a mobilização política de eleitorados que se encontram agravados ou insatisfeitos com questões sociais, políticas e econômicas de seus Estados. Por meio dessa mobilização, líderes carismáticos com tendências autoritárias ganham uma janela de oportunidade para conquistar e consolidar o poder em pleitos democráticos.